AS ATRAÇÕES DOS FESTIVAIS

Cinéfilo de São Paulo terá oportunidade de ver alguns dos mais interessantes filmes já apresentados nas principais mostras européias de cinema

LUIZ ZANIN ORICCHIO

Uma das mais belas atrações da mostra é *Pai e Filho*, de Alexandr Sokúrov, que concorreu em Carmes. No meio da balbúrdia de um grande festival, este filme intimista, discreto e pungente pouco foi notado, o que é pena. Trata-se de um exercício rigoroso sobre a complexa relação entre gerações, trabalhada à maneira de Sokúrov - lenta, planos longos, refletindo na imagem a complexidade do tema.

Na história, ou melhor, no fiapo de trama, pai e filho vivem numa casa isolada. Habitam um mundo à parte, no qual recordam a mãe que já morreu, e talvez uma época idílica que já se foi. O todo é impregnado pelo tom nostálgico sempre presente nos filmes do diretor russo. Neles, o que domina é a nostalgia por um tempo perdido, por uma hipotética idade de ouro situada num passado mítico. A relação entre pai e filho às vezes parece a de dois irmãos; outras, a de dois amantes. Na coletiva houve uma insinuação de que a relação poderia ser homossexual e incestuosa. Sokúrov respondeu que a simples pergunta ilustrava a decadência a que havia chegado a civilização ocidental.

Do Festival de Cannes virá o vencedor, *Elefante*, inquietante reconstrução ficcional dos episódios de Columbine, quando dois adolescentes armados invadem a escola onde estudam e matam e ferem diversos colegas. Gus Van Sant constrói esse anti-documentário em sucessivos planos-seqüência, que acompanham os protagonistas em sua vida escolar cotidiana, até que resolvem cometer os crimes e passam à ação. De certa forma, é um complemento ao documentário *Tiros em, Columbine*, de Michael Moore. Este é mais incisivo; Van Sant procura mostrar que as coisas são mais complexas e que a simples obsessão dos americanos por armas não explica, de forma completa, a violência latente que existe no país. Para Van Sant entram em jogo também frustrações pessoais e mesmo sexuais. Na cena mais controvertida (e preconceituosa) do filme, os protagonistas são vistos numa cena de relação homossexual, induzindo uma indesejável associação de idéias no espectador.

Com esse trabalho, que compensa o problema apontado acima com muitos outros méritos, Gus Van Sant derrotou o favorito de Cannes, *Dogvitte*, do dinamarquês Lars Von Trier. Esse você não pode perder. Se não for por outro motivo, pela ousada encenação anti-naturalista do diretor. Tudo se passa num galpão, que reconstitui uma cidade americana, próxima das Montanhas Rochosas. As ruas são delimitadas a tinta, as casas não têm paredes e mesmo a casinha do cachorro - e o próprio - são pintados. Artifício puro, para contar uma história de intolerância, que, esta sim, nada tem de artificiosa, e remete diretamente ao mundo real.

AMOS GITAI MOSTRA TEL-AVIV DE MANEIRA INUSITADA

Nicole Kidman é Grace, fugitiva que busca refúgio em Dogville. Ela é bem aceita, depois passa a ser amada. Em seguida, a cidade decide que deve cobrar alguma coisa pelo risco de escondê-la dos seus perseguidores. No final, Grace passa a ser hostilizada. Mas ela detém um segredo, que será fatal para seus captores. Muita gente viu, em especial no desfecho violento, uma alusão clara à política exterior norte-americana, uma reedição do famoso "big stick", de Theodore Roosevelt. Ou seja, diplomacia numa das mãos e um bom cacete na outra. Von Trier nem se preocupou em

Fotos Divulgação

Cena de 'Pai e Filho' do russo Alexandr Sokúrov: complexidade da relação reflete-se nas imagens

Nicole Kidman em 'Dogville': artificialismo que remete ao mundo real

desmentir as interpretações que faziam da intolerante e belicosa Dogville um microcosmos representativo dos Estados Unidos.

A situação mundial também é tema de outro concorrente de Veneza, *Um Filme Falado*, de Manoel de Oliveira. Quando se fala sobre Manoel de Oliveira costuma-se lembrar de sua idade - 95 anos, lançando um filme novo por ano. É, de fato, uma força da natureza, mas talvez fosse mais conveniente falar dos filmes que faz. Inovadores, radicais, exemplos de que se pode ser inventivo na velhice, assim como é possível ser conservador na juventude.

De qualquer forma, ninguém faria alguma coisa parecida com este *Um Filme Falado*, que faz jus ao título. Fala-se muito - e bem - nessa história de uma professora (Leonor Silveira) que, em companhia da filha pequena, viaja para encontrar o marido em Bombaim. No caminho, aproveita para se deter em lugares que nunca havia visto, Ceuta, Marselha, Pompéia, Atenas, Istambul. Dá aulas de civilização à filha. Depois, embarca num navio e conversa - também de maneira civilizada - com outras passageiras, Catherine Deneuve, Stefania Sandrelli, Irene Papas. Cada uma fala em sua língua e todas se entendem. Essa utopia da União Européia encontrará seus limites na barbárie, como o espectador verá no desfecho desse filme belo, culto e, no fundo, desalentado.

Também dos festivais internacionais vem um dos filmes mais inquietantes da mostra, *Adeus Dragon Inn*, do chinês Tsai Ming Liang. Num velho cinema prestes a fechar as portas, um drama da solidão se desenrola. Impressiona a densidade no tratamento dos personagens e, acima de tudo, a maneira com esse drama é filmado. Em planos longos, cheios de expectativa e ansiedade, Liang vai envolvendo seu espectador nessa trama hipnótica, mas nunca sonolenta,

Uma última dica: se você gostou de *Kedma*, o belo filme de Amos Gitai ainda em cartaz na cidade, não deixe de ver *Alila*, trabalho mais recente do diretor israelense, apresentado em Veneza. Nele, Gitai mostra Tel-Aviv de maneira inusitada, um ecumênico caos urbano em que moradores de várias etnias e interesses conflitantes são obrigados a conviver num edifício popular. Há um sentido humanista na maneira como a história é contada, sem adoçar ou driblar antagonismos. Mas, acima de tudo, *Alila* é um excepcional exercício de direção cinematográfica. Gitai está filmando como craque.